

TERESA SOEIRO

Inventário Arqueológico

O Outeiro do Castro (Airó — Barcelos)

Separata da «Barcellos-Revista»



**BARCELOS
1983**

8)
03.3(469.12)(04)
OE

Inventário Arqueológico

O Outeiro do Castro (*)

(Airó — Barcelos)

TERESA SOEIRO

No extremo ocidental da serra de Airó, num esporão de altitude média virado a noroeste e em posição dominante sobre a confluência dos férteis vales dos rios Covo e Cávado, está situado o Outeiro ou Monte do Castro de Airó (fig. I).

Povoado fortificado de altura, o seu perfil de encosta em socacos chama a atenção de quem passa na estrada Barcelos-Braga denunciando a existência de várias construções soterradas que justificam esta imagem tantas vezes repetida na paisagem do noroeste (fig. II).

Conhecida de há bastante tempo ⁽¹⁾, esta estação arqueológica despertou curiosidade não só pelo seu topónimo como pelo aparecimento à superfície de pedras lavradas e restos cerâmicos. Também aqui se concentram várias referências a mouras encantadas em penedos e aos seus tesouros expostos na manhã de S. João, riquezas que se tornam mais verídicas pelo facto deste povoado pertencer à Serra de Airó, designação cuja etimologia o povo encontra em ouro ⁽²⁾.

O acesso é fácil pela encosta Sul, aquela que liga este esporão à Serra, e de imediato estamos perante um dos circuitos de muralhas que rodeiam o povoado. Podemos tomar como coordenadas 41° 31' 20" N e 0° 35' 21" E (Lisboa). A altitude indicada na Carta Militar de Portugal, folha 69 Barcelos, é de 222 metros.

O terreno, segundo a Carta Geológica de Portugal ⁽³⁾, é constituído por granito porfiroide de grão grosseiro, mancha de Airó, que em alguns

(*) Este trabalho insere-se num projecto de organização do Museu Municipal e inventariação arqueológica patrocinada pela Câmara Municipal de Barcelos.

⁽¹⁾ É referido por exemplo na monografia de Teotónio da Fonseca, *O Concelho de Barcelos Aquem e Alem Cávado II*, Barcelos 1948, pág. 13.

⁽²⁾ Não podemos neste momento pôr de lado a possibilidade de existirem explorações de ouro nesta parte ocidental da Serra, deixando para melhor ocasião o estudo de alguns indícios.

⁽³⁾ C. Teixeira e A. Cândido de Medeiros, *Carta Geológica de Portugal*. Notícia explicativa da folha 5 C Barcelos, Lisboa 1969, págs. 27 e 36.

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 54944

Barcelonense

locais desta freguesia cede lugar a manchas de rocha de grão fino ou fino a médio.

Chegados à coroa do castro compreendemos bem porque lhe chamam outeiro, já que a primeira muralha desenha uma extensa elipse cujo interior podemos dizer plano, apenas marcado pela presença de alguns grandes penedos (fig. III.1). Foi aproveitando a orientação do eixo maior deste circuito defensivo que esboçamos um perfil da estação (fig. III.2). Todo este espaço tem condições para ser preenchido por construções, sugeridas pela abundância de pedra, com uma face lavrada a pico, e de telhas. Da muralha sabemos apenas aquilo que nos mostrou a curiosidade de algum escavador ocasional pondo-a a descoberto num pequeno trecho. A face visível é constituída por fiadas quase horizontais de pedras aparelhadas num granito de grão grosso, possivelmente local (fig. IV.2).

Esta planta elíptica vai-se diluindo à medida que baixamos de altitude, adaptando-se à topografia do monte. Vemos a Sul que o povoado remata hoje abruptamente deixando à vista uma escarpa granítica em cuja base se encontram pequenos campos e o caminho que nos conduziu (fig. II.2). A Sudeste já as plataformas criadas pelas muralhas se tornam evidentes, e foi aqui (fig. III.2.B), dentro do segundo circuito, que apareceu uma ara e uma pedra decorada adiante descritas ⁽⁴⁾.

Mas é para Norte que o povoado se deve ter expandido aproveitando uma encosta de declive regular até aos 50 metros, em direcção à ribeira de Selores e aos campos do vale. Esta é também a orientação que permite melhor visibilidade sobre o vale do Cávado. Registamos nesta vertente pelo menos três linhas de muralhas com declives bem marcados (fig. IV.1), rodeando o povoado em quase todo o seu perímetro e coincidindo com as curvas de nível indicadas na Carta Militar citada. De notar porém que entre os declives/muralhas não existe uma plataforma aplanada ou de inclinação regular mas sim vários planos divididos por um ou mais socacos menores. Penso que só a escavação nos poderia elucidar, já que num povoado cujas construções parecem ter sido pétreas várias podem ser as explicações para este desnível.

No exterior da terceira muralha aparecem ainda vestígios arqueológicos dispersos, não sendo de excluir a existência de mais alguma linha defensiva, particularmente a Noroeste.

Estaremos portanto perante um extenso povoado, estabelecido num local de fácil defesa, mas simultaneamente fértil em águas, em ótimos terrenos para a agricultura de encosta ou de vale, e ligado a uma serra em que a pastorícia, com permanência dos gados vários dias seguidos, era vulgar há poucos anos.

Para aventurar algumas hipóteses sobre a cronologia desta estação faltam dados seguros mas, se não sabemos quando iniciou e findou a sua ocupação, se manteve sempre a mesma extensão e importância, temos porém algumas informações que merecem ser referenciadas. O primeiro aspecto,

⁽⁴⁾ Ao Dr. Ascensão Correia achador e proprietário deste espólio, e a Pedro Dias que mo deu a conhecer, agradeço.

evidente a quem percorre o local, é a abundância à superfície de régulas e imbrices. A corroborar uma ocupação de época romana temos o achado de uma ara (fig. V) em granito de grão muito fino, esbranquiçado. Está mutilada, apresentando as superfícies um aspecto de profundo desgaste provocado pelo seu uso para afiar instrumentos agrícolas. Na parte superior (260×190), o fóculus oval ($45 \times 55 \times 50$) e o seu rebordo está partido. Das volutas restam as marcas do local onde estavam implantadas. Para baixo vemos várias molduras, bem conservadas nas faces laterais. O campo ($230 \times 195 \times 165$) é o mais atingido pelo desgaste. A inscrição, de que restam vestígios é ilegível e foi substituída por gravações modernas na face principal e num dos lados menores.

A tradição indígena, ainda que de época certamente romana, dentro do I dC, marca outro achado pétreo acontecido num ponto próximo do anterior. É um meio cilindro em granito mais grosseiro, que tem na sua face plana uma gravação profunda (+ 1 mm) de três S encadeados com ponto central (fig. VI). Também a cerâmica recolhida aponta para o mesmo âmbito cronológico. Desenham-se apenas dois fragmentos (fig. VII) de grandes dólios feitos à roda, pastas castanhas claras com bastante mica, bem cozidas e com as superfícies alisadas. O primeiro apresenta incisa uma suástica destrosa de quatro braços.

Com estes dados limitados podemos apenas inferir que o povoado foi habitado no séc. I d. C., o que vem sendo regra no Entre-Douro e Minho onde os grandes *castros* atingem considerável extensão e riqueza no início da ocupação romana.

*
* *

Ao inventariar aqui esta estação não quero deixar de referir outros dados de que tomei conhecimento ao percorrer este extremo da Serra de Airó.

Num ponto alto da Serra (300 m) e virado a poente, sobre o vale do rio Covo mas também com visibilidade para o Cávado estão os Castelos de Airó ($41^{\circ} 30' 44''$ N e $0^{\circ} 35' 11''$ E de Lisboa) (fig. I.2 e VIII). Penso tratar-se de uma pequena fortaleza medieval colocada numa elevação constituída por grandes bolas graníticas e com um declive abrupto sobre o vale. Entre os penedos são abundantíssimas as pedras com face e os imbrices de pasta e cozedura diferentes dos de época romana. Será mais um ponto na lista das pequenas fortalezas roqueiras de que já faziam parte os fronteiros de Várzea e Santa Eulália, ladeando o vale do rio Covo perto da sua desembocadura no Cávado. Entre *castro* e *castelo* temos mais um caso de diferenciação que vai da toponímia à implantação, extensão e restos de construção ⁽⁵⁾.

Perto deste *castelo*, num sítio rico em águas e frequentado pelos gados que pasciam na Serra esteve a ermida de S. Silvestre ⁽⁶⁾ mais tarde transfe-

⁽⁵⁾ Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Castelologia Medieval de Entre Douro e Minho* Porto, 1978.

⁽⁶⁾ Teotónio da Fonseca, cit., pág. 77.

rida para local mais próximo da povoação. Numa baixa que guarda o nome da Ermida, virado a Sul e ao lado de uma nascente de água está o Penedo das Letras (fig. IX.3) com a inscrição Det^e M^l De OLIVYA (7) que podemos talvez interpretar como marca de propriedade ou limite, lendo «demar-cante Manuel de Oliveira».

Por toda a crista da Serra, na Baralonga e também no centro do Outeiro do Castro estão ainda em pé vários marcos graníticos (110×50×27 cm) com uma face bem alisada onde se lê VILAR / 1614 (fig. IX-1), referentes certamente a uma revisão do couto deste mosteiro (8). Entre eles há outros marcos mais pequenos e rudes, anepígrafos. Vimos ainda um, de tamanho médio, quadrangular, com a inscrição BOCA / 1827, pertencente a uma *casa* existente na freguesia de Adães (fig. IX-2).

(7) Teotónio da Fonseca, cit., pág. 76.

(8) Idem, pág. 14.

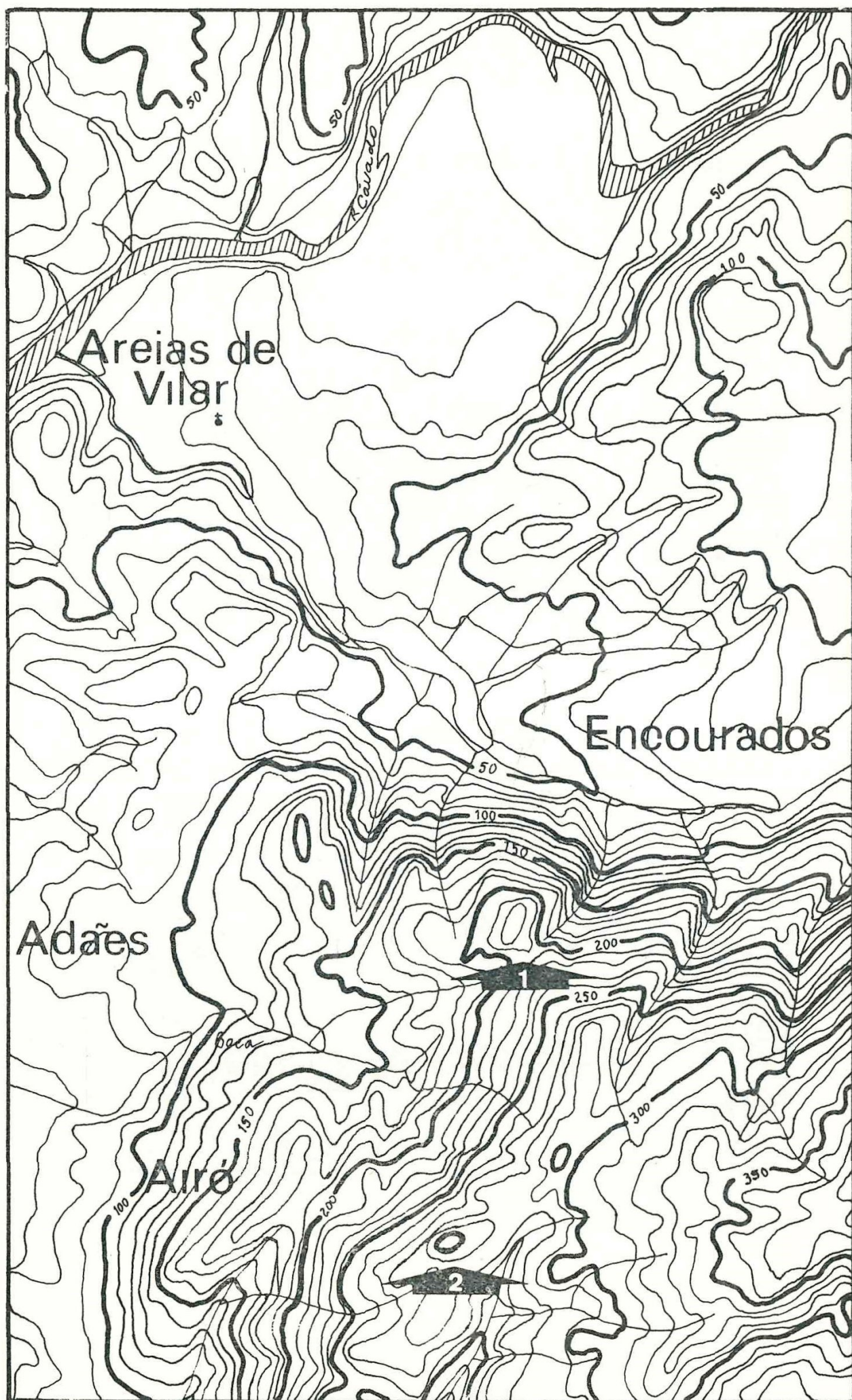
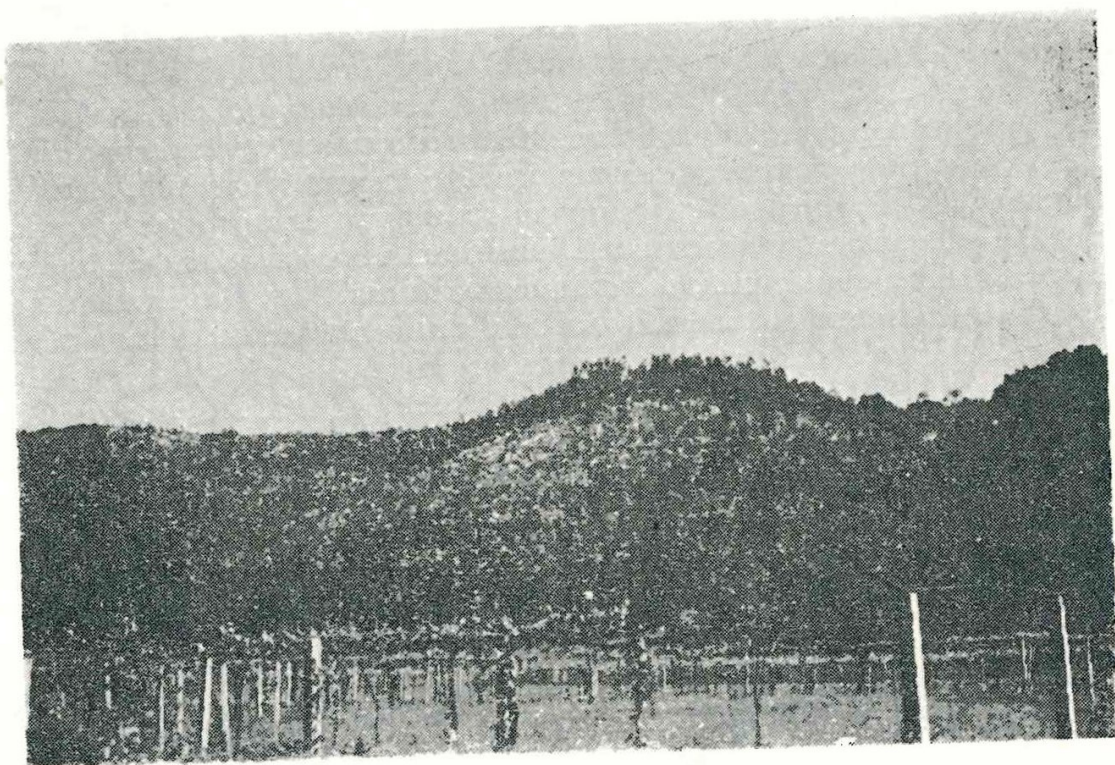


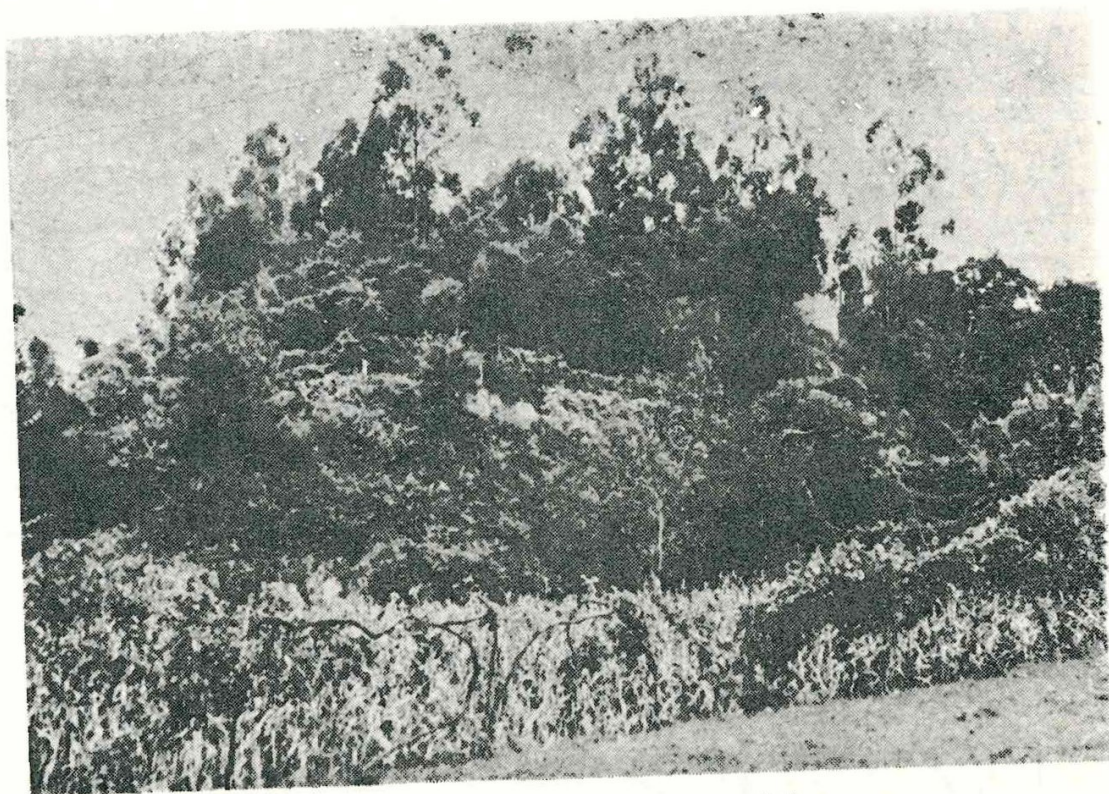
FIG. I — Airó, 1 — Outeiro do Castro, 2 — Castelos.

Esc. 1: 25000

FIG. II

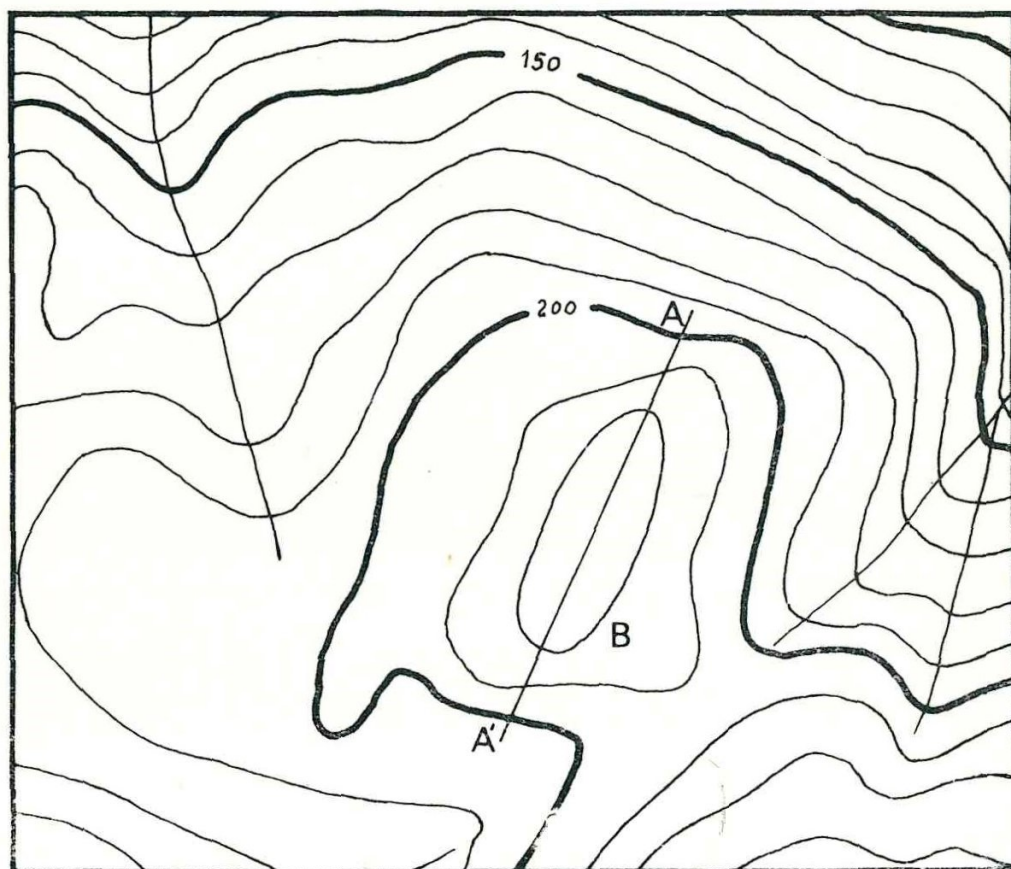


1. *Outeiro do Castro, vertente Norte.*



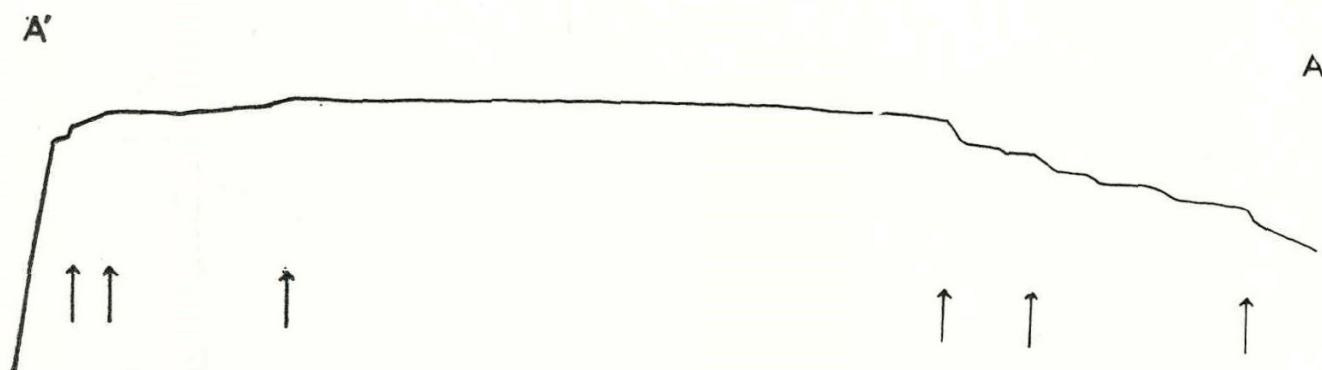
2. *Outeiro do Castro, vertente Sul.*

FIG. III



1, Outeiro do Castro.

Esc. aprox. 1:6 000



2. Outeiro do Castro, perfil segundo A-A'.

Esc. aprox. 1:2 000

FIG. IV



1. *Outeiro do Castro, vertente Norte.*



2. *Outeiro do Castro, muralha.*

FIG. V

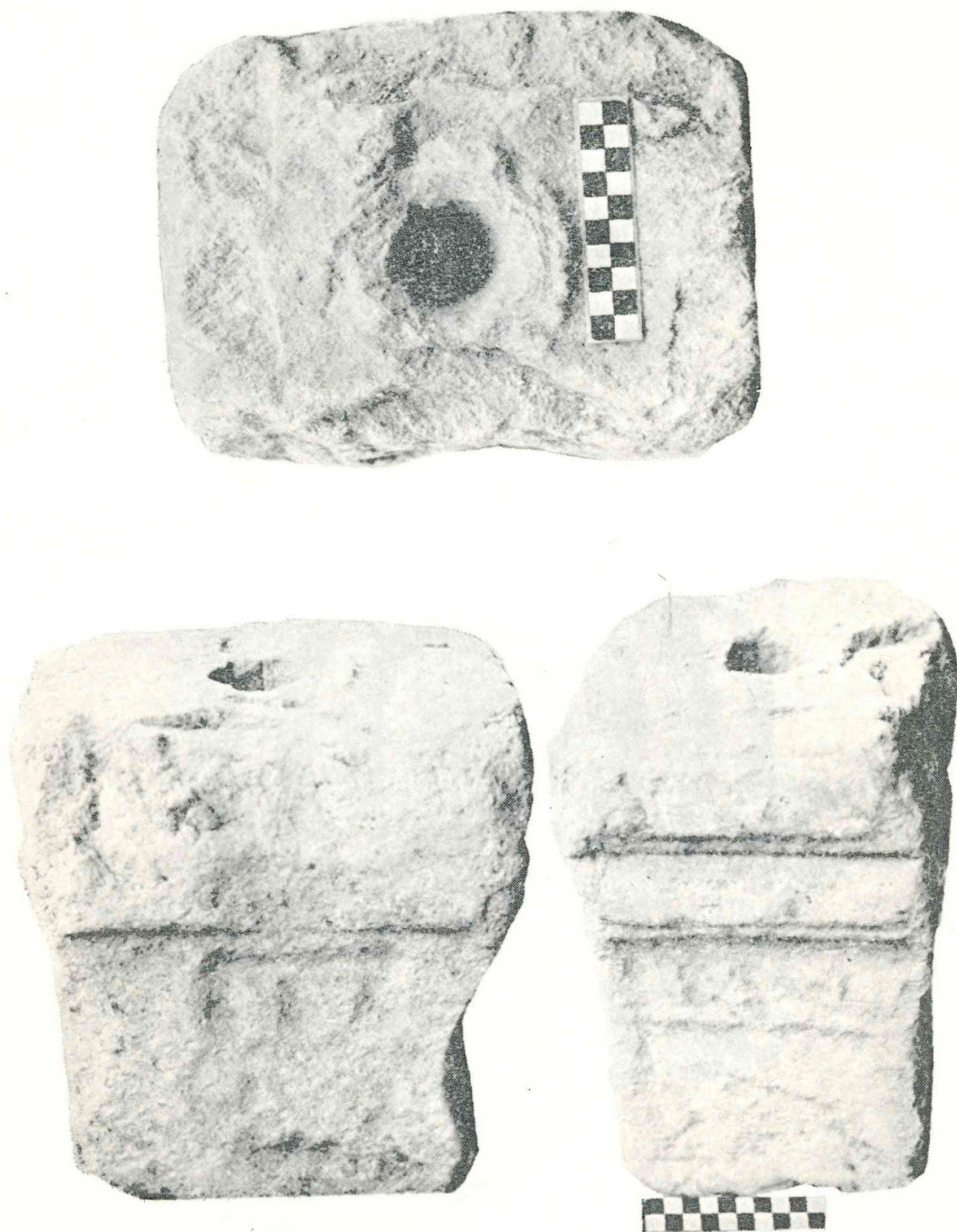
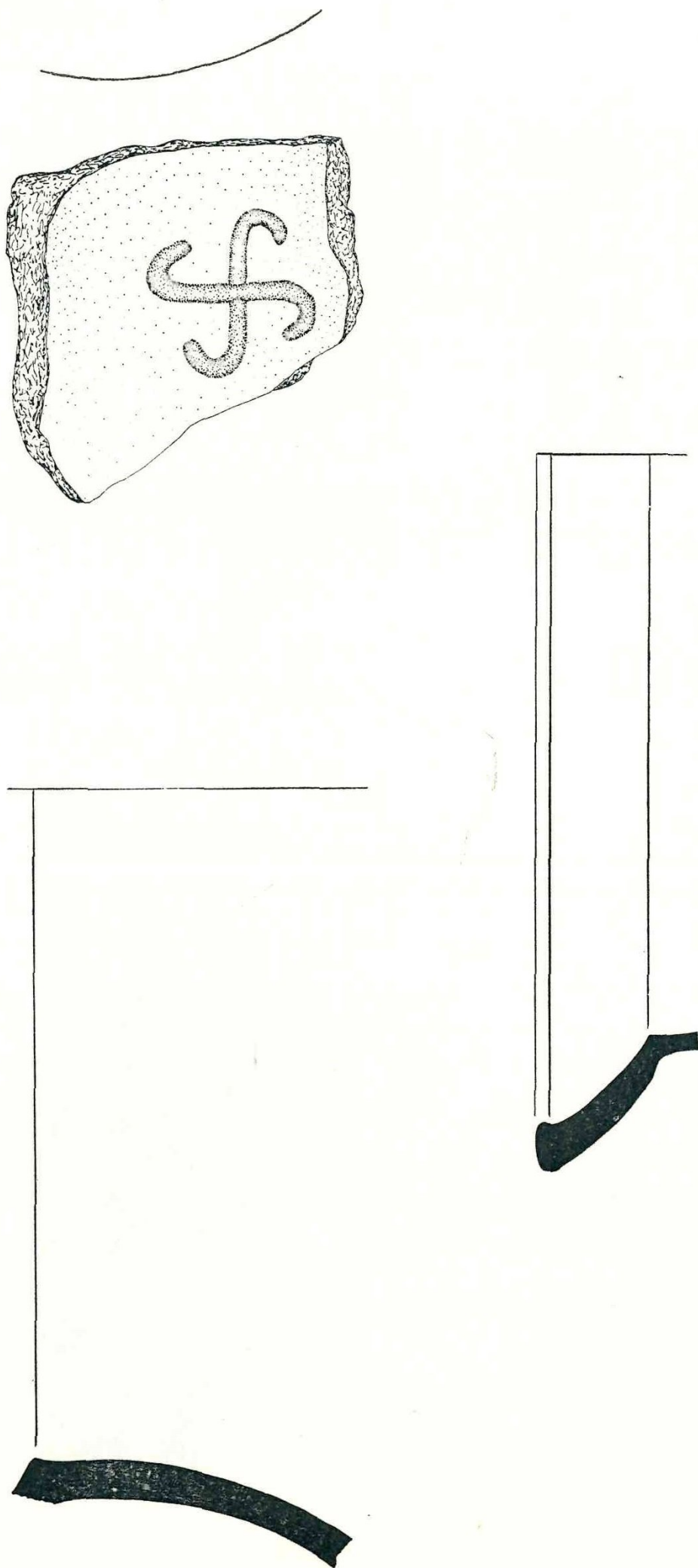


FIG. VI



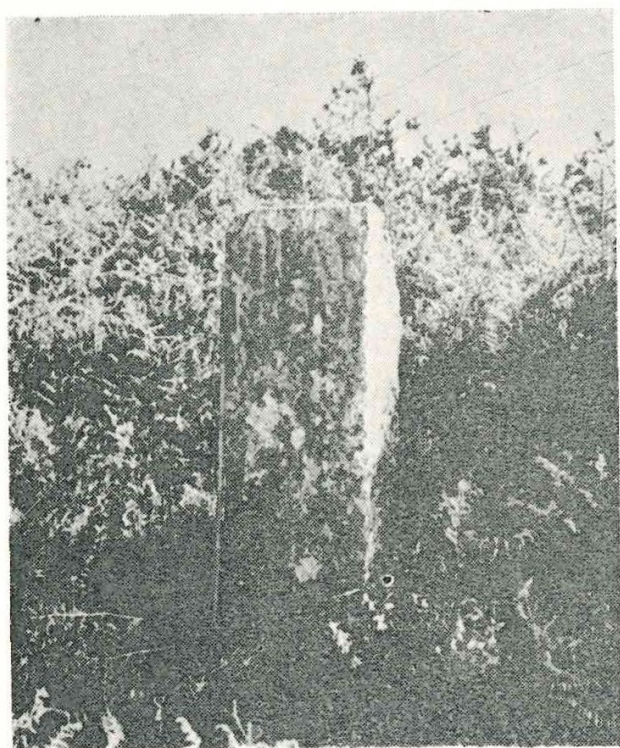
FIG. VII



Esc. aprox. 1:2

FIG. VIII

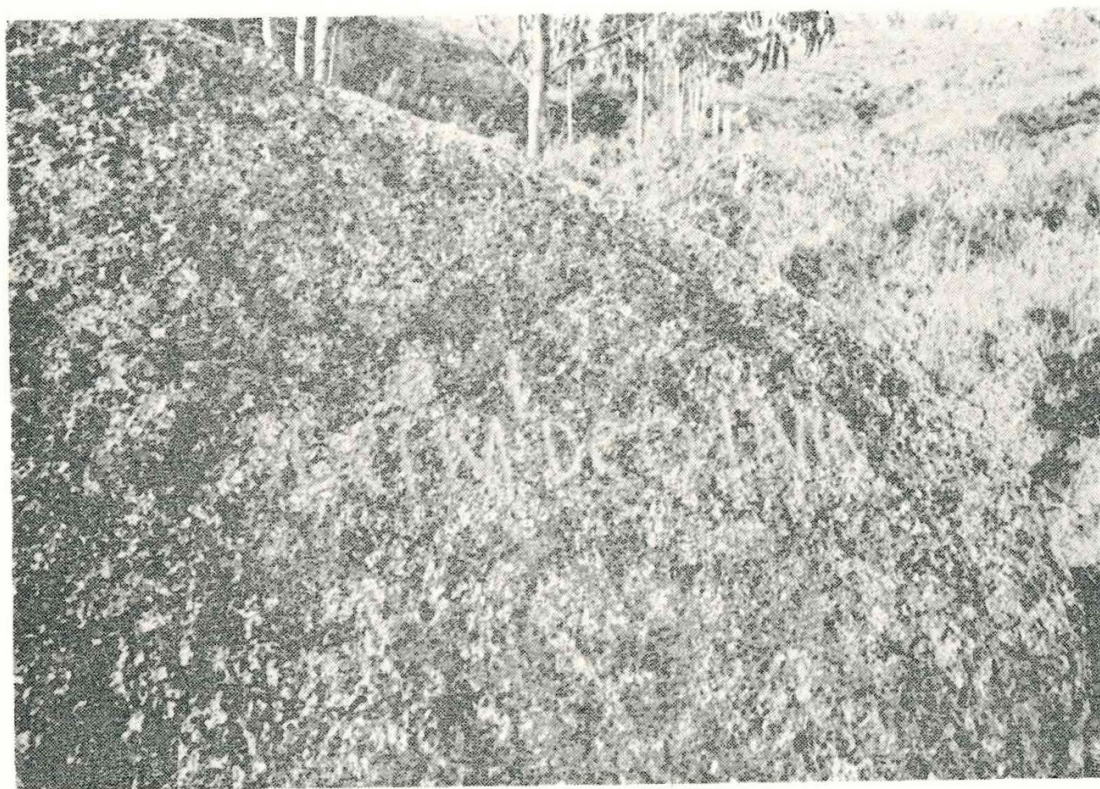




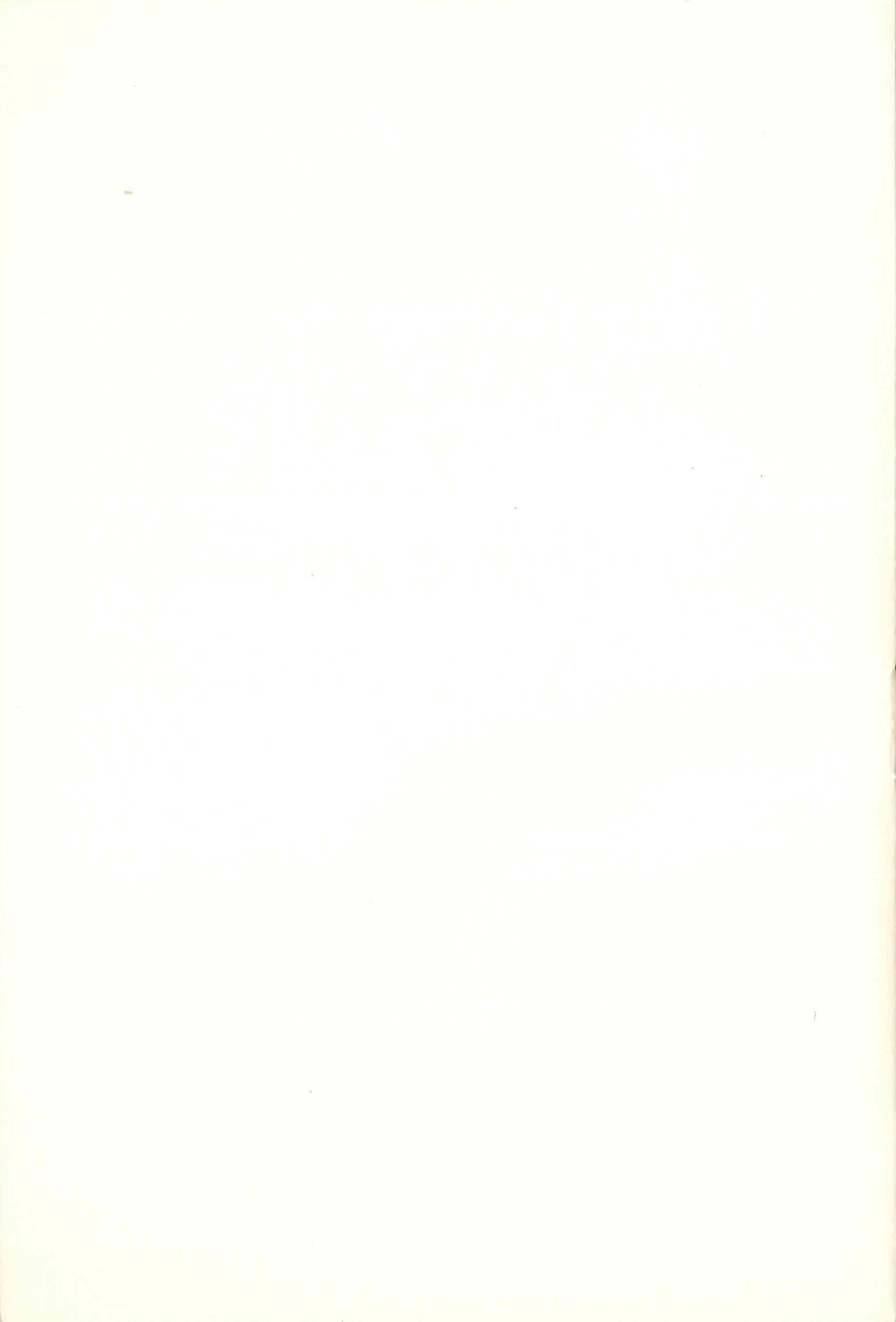
1. *Marco de Vilar*



2. *Marco de Boca*



3. *Penedo das Letras*



biblioteca
municipal
barcelos



54944

Inventário arqueológico